

## Reflexões entre a história do desenvolvimento e o envelhecimento global

**Tatiana Frade Maciel<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, UNB, Brasília, Brasil (tatiana.maciell@gmail.com)

*Resumo:* O trabalho em questão expõe elementos para a análise de teorias do desenvolvimento que através do olhar do capitalismo agride a percepção do envelhecimento humano perante a sociedade contemporânea. Parte-se de uma exposição do contexto histórico para entender a atuação do desenvolvimento no cenário centro-periferia e a heterogeneidade do envelhecimento populacional mundial. Apresenta-se o desenvolvimento sob a ótica de diversos estudiosos, contrapontos e contribuições para as ciências sociais. E explica-se a diferença na mudança da pirâmide demográfica nos países ditos desenvolvidos e subdesenvolvidos. Assim como a influência da visão capitalista na expansão do ageísmo contra a pessoa idosa.

*Palavras-chave:* Desenvolvimento; Envelhecimento; Capitalismo; Ageísmo.

### INTRODUÇÃO

Neste ensaio, tento evidenciar como a busca pelo desenvolvimento e a opressão capitalista retirou de cena a pessoa idosa na sociedade, velando um preconceito etário e a exigência de se manter ativo para o usufruto de sua longevidade.

Através do fato histórico da ascensão demográfica mundial das pessoas idosas, problematizo esta vitória da espécie humana com seu lado ameaçador na economia e na saúde em uma cadeia voltada para a produção de mais valia.

Apesar do envelhecimento ganhar pauta nas agendas políticas, a mobilização contra injustiças e inequidades relacionadas à gênero, classe, raça e geografia são constantemente mais estudadas e debatidas pela sociedade do que àquelas vinculadas ao idoso. Contudo, a pessoa idosa está presente em todos estes cenários, visto que o envelhecimento é inerente a todos, e refém de uma colonialidade de poder. O objetivo deste trabalho é apontar a pessoa idosa como indivíduo subalterno e vítima do processo de desenvolvimento, problematizando o fenômeno do envelhecimento global com fundamento no referencial teórico e metodológico do pensamento de Marx. Para tal, é necessário entender a marginalização do envelhecer como um produto histórico-cultural determinado pelo sistema capitalista.

### MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica exploratória, com análise e consulta das principais obras referentes ao capitalismo contemporâneo, teorias do desenvolvimento, e impactos sobre a

sociedade em envelhecimento. Foram consultadas e analisadas obras e materiais especializados que abordam e dão subsídio para a problematização do tema em estudo.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da historicidade da introdução do capitalismo em nosso território periférico, Laclau (1973) aponta a existência de teses afirmativas de que a América Latina sempre foi capitalista desde o período colonial, ao ser explorada e incorporada ao mercado mundial. Andrew Gunder Frank é um dos defensores desta tese ao mostrar que as colônias possuem o capitalismo como base da sua sociedade desde o séc. XVI e como fonte do subdesenvolvimento. Ele também afirma que o subdesenvolvimento foi uma criação eurocêntrica, em que os países autodenominados desenvolvidos, jamais foram subdesenvolvidos pelo menos nos mesmos moldes dos atuais. Embora em um dado momento da história eles tenham sido não-desenvolvidos (Frank, 1966).

O capitalismo aplicado na América Latina e sua condenação ao subdesenvolvimento criou a dependência com a metrópole e o engessamento do pensamento da estagnação daqui e o progresso de lá. Enraizados na nossa cultura, as relações de exploração se expandiram nas cadeias de trabalho que nunca se “deslocou da produção de mais-valia absoluta para a de mais-valia relativa, ou seja, que a acumulação passe a depender mais do aumento da capacidade produtiva do trabalho do que simplesmente da exploração do trabalhador” (Marini, 1973).

É nesse caráter das relações de produção no conjunto do sistema capitalista que busco reter nossa atenção. Nelas são negadas ao trabalhador as condições mínimas necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho. Isso acelera seu esgotamento prematuro e/ou a impossibilidade de consumir o estritamente indispensável para a manutenção de sua saúde. Retomarei este assunto ao abordar as consequências da exploração da força laboral nas pessoas idosas.

O capitalismo é constantemente reforçado com a criação do mito do desenvolvimento econômico, praticado pelos países líderes da revolução industrial, ao padronizar o consumo de sua minoria burguesa como uma verdade de conquista para os países periféricos expandindo o mito do progresso (Furtado, 1974).

O mito estaria, portanto, na lacuna entre duas perspectivas, muito bem ilustrada por Amartya Sen em seu livro “Desenvolvimento como liberdade”:

*“Embora haja uma relação entre opulência e realizações, ela pode ser ou não muito acentuada, e pode muito bem depender demais de outras circunstâncias. A questão não é a possibilidade de viver para sempre, na qual Maitreyee – que a terra lhe seja leve – por acaso se concentrou, mas a possibilidade de viver realmente bastante tempo (sem morrer na flor da idade) e de levar uma vida boa enquanto ela durar (em vez de uma vida de miséria e privações de liberdade) – coisas que seriam intensamente valorizadas e desejadas por quase todos nós” (p.28).*

Ao mostrar duas possibilidades de vida, Amartya Sen expõe o lado da concentração exclusiva na riqueza econômica e a possibilidade de uma vida com enfoque mais amplo que podemos levar, o autor levanta uma questão fundamental na conceituação do desenvolvimento. O desejo por mais riqueza não acontece com o fim em si, mas como meio para alcançar uma liberdade substantiva que ela pode trazer.

Bauman (2010) vem afirmar que situações de escassez limitam nossas potencialidades, que a liberdade de escolha não garante nossa liberdade de efetivamente atuar sobre essas escolhas nem assegura a liberdade de atingir os resultados desejados.

Provoco aqui as amarras que o capitalismo e o conceito estritamente econômico do desenvolvimento impuseram às populações por assim dizer subdesenvolvidas, que almejam o inalcançável desenvolvimento ou a liberdade de escolhas. E relutam em seguir caminhos incompatíveis com sua realidade estrutural, onde as desigualdades permeiam o fracasso das minorias vulneráveis que mesmo se

esforçando não alcançarão os mesmos objetivos, pois o número de recompensas é limitado.

#### A TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E SUAS AMEAÇAS

O debate sobre população e desenvolvimento não é recente e já esteve de vários lados. Tendo início antes mesmo dos escritos de Thomas Malthus, começou de forma otimista impulsionado pelo positivismo iluminista que apostava no progresso (desenvolvimento) através do crescimento populacional. Adam Smith em 1776 já afirmava que “O indício mais claro da prosperidade de um país é o aumento do número de seus habitantes” (Smith, 1996, v.I, p.122). Portanto, inicialmente o desenvolvimento era uma variável independente e a população uma variável dependente.

Contudo, Malthus traz outra perspectiva ao retratar o desenvolvimento econômico inviável com o aumento demográfico, pois a população, sendo uma variável independente, tendia a crescer sempre acima da disponibilidade dos meios de subsistência, inviabilizando qualquer tipo de progresso social.

Uma nova perspectiva surge com Karl Marx, ao considerar que o capitalismo é sempre capaz de produzir bens e serviços em progressão superior ao crescimento demográfico. A superpopulação relativa manteria um grande volume de pessoas destituídas dos meios de produção à disposição da burguesia industrial para produção de mais valia. Assim, a população seria uma variável neutra e o desenvolvimento uma variável independente.

Já no século XX, o desenvolvimento é visto novamente como uma variável independente e a população como uma variável dependente. Como consequência do desenvolvimento há o incremento no padrão de vida da população e avanços da medicina, possibilitando a redução das taxas de mortalidade. Tendencialmente após um certo lapso de tempo, as taxas de fecundidade reduziram com a modernização econômica e social (Nostestein, 1945).

Não obstante, a experiência da transição demográfica entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos seria diferente. No primeiro caso, a transição ocorreria tal como descrito acima. Mas, no segundo, a queda da mortalidade teria se dado sem grandes transformações da estrutura econômica interna dos países subdesenvolvidos. Como os países periféricos ainda estavam atrasados no processo de desenvolvimento e na mudança da estrutura social, houve uma prevalência na cultura pró-natalista, com famílias extensas e pobres ou até abaixo da linha da pobreza. Sem a redução da fecundidade, os países subdesenvolvidos permaneceriam no círculo vicioso da pobreza. E, portanto, com altas taxas de crescimento demográfico o atraso econômico persistiria e o crescimento populacional seria uma variável independente.

Destarte, nos anos sessenta enquanto as metrópoles apresentavam o encerramento da chamada transição demográfica - com a redução da mortalidade e fecundidade, o ritmo de crescimento populacional teve uma queda significativa - os países satélites tinham um aumento significativo no ritmo de crescimento demográfico com redução da mortalidade e aumento da fecundidade. A explosão populacional na periferia trouxe à tona análises e postulações neomalthusianas. Estas reaparecem como um controle populacional não pela mortalidade, mas pela redução da fecundidade. Aqui a redução do crescimento populacional seria peça fundamental para os subdesenvolvidos chegarem finalmente ao *take off* do desenvolvimento de Rostow.

Na década de 1970, a transição da fecundidade tornou-se realidade em inúmeros países de diferentes níveis de desenvolvimento. Iniciando-se a inversão da pirâmide demográfica para o envelhecimento populacional mundial.

Com um novo denominador para cálculo da renda *per capita*, a pessoa idosa vira um peso para o desenvolvimento. A visão do idoso como intrinsecamente improdutivo leva a se pensar que mesmo que o envelhecimento seja desejável individualmente, o crescimento da população idosa pode acarretar um peso sobre a população jovem e o custo de sustentá-la vir a se constituir uma ameaça ao futuro das nações (Camarano, 2004).

Neste sentido, o envelhecimento vai além do processo natural e irreversível da senescência comum a todos os seres vivos, fruto do tempo cronológico. No homem, este percurso subsiste do fato de que este destino inevitável é vivido de maneira variável segundo o contexto social ao longo da vida do indivíduo (Beauvoir, 2018, p.14). Em seu livro “Saber envelhecer: seguido de A amizade”, Cícero (1999) exhibe através de um diálogo entre Catão e Lélío a essência da discrepância da velhice no meio socioeconômico desigual, que pode ser correlacionado a teoria de Prebisch do centro-periferia no contexto mundial, regional ou social destes indivíduos:

*“Lélío: Certamente, Catão! Mas poderiam te objetar que teu poder, tua riqueza e teu prestígio tornam tua velhice mais suportável. Não é o caso da maioria...” (Cícero, 1999, p.6).*

Portanto, onde a miséria se faz presente, falar de envelhecimento ativo e saudável é excluir este indivíduo do usufruto da própria velhice numa sociedade que o expropria de condições de vida dignas. É o que Debert (1999b) menciona ser a “reprivatização da velhice”, a inversão de responsabilidades, onde o estado se exime transferindo aos indivíduos a responsabilidade de terem supostamente negligenciado seus corpos por não se envolverem em atividades motivadoras. E

agora arcam com a culpa por não usufruir de uma velhice saudável.

A sociedade capitalista tem a juventude como valor e tem no novo sua força motriz, sendo assim não há espaço para o velho. Portanto, no capitalismo, o processo de trabalho é direcionado para a obtenção da mais valia para a burguesia, ou seja, a riqueza é socialmente produzida, porém a apropriação desta é privada (Wallerstein, 2002). Não há uma preocupação com a satisfação das necessidades sociais do aglomerado da sociedade. E o proletariado por necessidade da subsistência é impelido ao uso exaustivo de sua força de trabalho, comprometendo um futuro declínio biológico, ao propulsionar debilidades físicas e mentais na velhice.

As inequidades do capitalismo são ampliadas nesta etapa da vida, pois os trabalhadores somam a expropriação dos meios de produção com a qual conviveram ao longo da vida à perda de valor de uso ao capital, quando não apresentam mais condições de produzir mais valia.

Hoje, vivenciamos uma explosão tecnológica que desconstruiu o mercado de trabalho para aqueles que antes seriam os mais experientes e pertencentes a cargos de chefia. A força jovem inovadora, de *startups* que buscam a impulsividade de transformação naqueles de vinte e poucos anos, marginaliza aqueles que já passaram dos quarenta. O que dizer daqueles acima dos 50, que apesar da força de vontade em aprender e ensinar, é reduzido apenas à sua data de nascimento, reforçando o ageísmo como processo de estereotipização onde as pessoas de mais idade são vistas como ultrapassadas, inertes e dispensáveis.

O ageísmo é cunhado por Buttler em 1969, o termo foi definido como uma forma de intolerância relacionada com a idade, enraizada em crenças, atitudes, preconceitos e comportamentos, sendo que qualquer pessoa pode ser alvo desta discriminação, sendo crianças e pessoas idosas os mais vulneráveis. Assim como em outros grupos identitários contra os “ismos” (racismo, feminismo...), sua luta só se torna coerente e, portanto, eficaz quando politicamente as pessoas tomam consciência de si como seres oprimidos, desenvolvendo uma linguagem comum e uma *weltanschauung* - conjunto ordenado de valores, crenças, impressões, sentimentos e concepções (Wallerstein, 1974, p.16). Neste ponto, a pessoa idosa ainda precisa ser consciente da violência social por ela vivida, para enfrentar e buscar seu espaço. Enquanto isso, seus direitos são batalhados por outros agentes.

#### A PESSOA IDOSA NO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Na sociedade pós-moderna, o indivíduo foi expelido dos grandes centros, tendo que morar em local oposto ao seu ambiente de trabalho. A criação das periferias

advém da ação migratória dos operários que não ganham o suficiente para se manter nos grandes centros urbanos, reforçando a imagem do capitalismo da Economia-mundo de Wallerstein, onde aquele que gera o lucro não usufrui de sua partilha real.

A mudança da cadeia geracional do ofício para a mecanização e modernização do mercado de trabalho, reduziu o papel do mais experiente, assim como em toda a sociedade. A rápida mudança tecnológica dos últimos 20 anos marginalizou uma fatia da população, composta por aqueles com baixa escolaridade, os que financeiramente não podem adquirir a tecnologia ou estudá-la e os idosos que pelos fatores anteriores ou por dificuldades de compreensão e habilidades, não acompanham todo este processo.

A linha abissal da desigualdade de oportunidades é aprofundada no decorrer do envelhecimento do sujeito, que vai perdendo espaço a cada ano que se passa. Neste sentido, o mercado informal se aflora como única possibilidade para aquele que na formalidade não tem mais valor.

O trabalhador é condenado à inatividade muito antes do que outrora. As mudanças rápidas de tecnologia e dos mercados de produção e consumo não é acompanhado pela rotina árdua dos “operários” que além do período laboral, consomem seu tempo útil nos longos deslocamentos entre ofício e domicílio. Restando muito pouco ou quase nada de recursos financeiros e tempo para atualizações e qualificações para o mercado.

Ao mesmo tempo que marginaliza e segrega, o mercado capitalista do consumo tenta homogeneizar as faixas etárias criando uma sociedade unietária, prolongando a juventude, a beleza, o vigor físico e sexual. De tal forma que o envelhecimento se torna uma questão de convencimento próprio, com o olhar de quem envelhece é o outro.

A mercantilização do envelhecimento criou a Terceira Idade ou melhor idade como eufemismo para velho e idoso. Foi o início do consumo do lazer e cultura segmentados ao aposentado que através do seu grupo de maior idade mostra-se orgulhoso da sua postura ativa.

Contudo, nem todos podem se mostrar orgulhosos de alcançarem a velhice de forma tão positiva. A heterogeneidade do curso de vida delimita o usufruto de um futuro glorioso.

As camadas de vulnerabilidade podem ser vistas na população idosa como agravantes da exclusão. Visivelmente ilustradas quando falamos de etnicidade, gênero e classe social referindo-se à situação das minorias. A conjuntura mostra que os idosos pertencentes às minorias estão em situação de dupla, tripla ou quádrupla vulnerabilidade de discriminação e exclusão social. O exemplo da mulher, negra, pobre e idosa ou o homossexual,

negro, pobre e idoso, assim como outras conjugações de minorias, agrava a subalternidade no contexto pós-colonial. A conjugação dessas camadas de vulnerabilidade desafia os estudos sobre envelhecimento, pois exige a distinção dos efeitos das condições econômicas estruturais, das minorias étnicas e da diversidade de gênero, daquelas próprias do processo de senescência.

O conceito de subalterno delineado por Gayatri Spivak (2010) no livro “Pode o Subalterno Falar”, aproxima-se da heterogeneidade da pessoa idosa. Para Spivak (2010, p.11) “o sujeito subalterno não pode ocupar uma categoria monolítica e indiferenciada, pois esse sujeito é irredutivelmente heterogêneo”. Assim, a complexidade do envelhecimento já parte da compreensão do lugar que é a ele destinado, que representação se faz dele em diferentes tempos, e em diferentes lugares (Beauvoir, 2018, p.42).

O ativismo no envelhecimento é pouco comentado, mas ao reconhecer o poder das desigualdades em sistemas estruturais deficientes, e que o envelhecimento é fator uníssono que exclui apenas aqueles que partem antes. Vê-se possibilidades de uma ação coletiva através do positivismo social com contribuições políticas.

#### CONCLUSÃO

O pensamento moderno e o desenvolvimento voltado exclusivamente à resultados econômicos, escorado no capitalismo, é um pensamento completamente abissal que trouxe um desgaste da humanidade, com a segregação, inequidades e falta de distribuição de renda, com distinções visíveis e invisíveis de dois universos.

Na história é possível notar como o envelhecer tende a silenciar o indivíduo paulatinamente, ao perder o espaço de trabalho, o poder decisório, a representatividade. E ganhar a submissão, dominação e indiferença.

Hoje a presença da pessoa idosa está em todas as classes sociais, mas com pouca representação social contra sua opressão. Estando o idoso em ambos os lados, o desafio é atrelar as duas faces pelo bem comum da dignidade da pessoa humana. Aqui, a teoria centro-periferia se personifica entre membros “ativos” e “inativos” da sociedade ou ainda tendo no centro os idosos fruto do desenvolvimento e na periferia os marginalizados no subdesenvolvimento. Os adultos e jovens “ativos” no mercado seriam valorizados como motor da economia enquanto os idosos “inativos” são um estorvo e obstáculo para o desenvolvimento. Esta mentalidade popular é contrária à estudos populacionais que apontam o idoso como chefe da casa, e provedor de uma grande parcela de famílias brasileiras que sofrem com o desemprego. Nesses casos, a casa própria do idoso ou mesmo seus rendimentos de trabalho, pensão ou

aposentadoria estão se transformando em fonte importante de suporte familiar e manutenção da economia.

Portanto, o lado ameaçador do idoso na economia pode ser um alento a economia em momentos de crise, ao evitar situações de extrema pobreza.

A cobrança ou necessidade por uma eterna manutenção em ser ativo, escraviza o indivíduo em busca de mais valia ou espaço na sociedade.

Abordar a velhice na experiência contemporânea é descrever um contexto em que as imagens e os espaços abertos para uma velhice bem-sucedida não levam necessariamente a uma atitude mais tolerante com os velhos, mas sim, e antes de tudo, a um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo e ativo muitas vezes inalcançável, paralelamente como foi e continua sendo o caminho traçado aos subdesenvolvidos rumo ao desenvolvimento. As inequidades estruturais nos países colonizados mostram o acúmulo das desvantagens do capitalismo em seus membros envelhecidos pela desassistência em uma sociedade segregadora.

Em contrapartida, o pensamento do desenvolvimento alternativo introduz o foco no desenvolvimento social e comunitário e no florescimento humano. Esperançamos um novo olhar ao desenvolvimento que oportunize todas as regiões, classes e estratos da sociedade.

#### REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z.; MAY, T.. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2010.
- BEAUVOIR, S.. **A velhice**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2018.
- BUTLER, R.. **Age-Ism: Another form of Bigotry**. Gerontologist, 9, 243-246, 1969.
- CAMARANO, A. A.. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** IPEA, Rio de Janeiro, 2004.
- CÍCERO, M. T.. **Saber envelhecer: seguido de A amizade**. L& PM, Porto Alegre, 1999.
- DEBERT, G. G.. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. FAPESP, São Paulo, 1999a.
- DEBERT, G. G.. **Velhice e o curso da vida pós-moderno**. Revista USP, n.42, p. 70-83, junho/agosto 1999b.
- FRANK, A. G.. **O desenvolvimento do subdesenvolvimento**. Monthly Review, v.18, nº4, 1966.
- FURTADO, C.. **O mito do desenvolvimento econômico**. Círculo do Livro, São Paulo, 1974.
- MARINI, R. M.. **Dialética da Dependência**. Editora Era, México, 10ª edição; 1ª edição, 1973.
- NOTESTEIN, F.. **Population: the long view**. In: SCHULTZ, T. W. . *Food for the world*. Chicago: Universit of Chicago Press, 1945.
- SANTOS, B. S.. **Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos, n.79, nov 2007.
- SEN, A.. **Desenvolvimento como liberdade**. Companhia das letras, São Paulo, 2010.
- SMITH, A. **Os Economistas - A Riqueza das Nações** Nova Cultural, São Paulo, Vol. 1, 1996.
- SPIVAK, G. C.. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- STOHR, W. B.. **Development from below: the bottom-up and periphery-inward development paradigm**. Interdisciplinary institute of urban and regional studies, University of Economics. Viena, 1980.
- WALLERSTEIN, I.. **O fim do mundo como o concebemos: Ciência social para o século XXI**. Revan, Rio de Janeiro, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O sistema mundial moderno**. Vol I – A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI. New York: Academic Press, 1974.